

Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda do Senhor e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos divinos.

E' por essa razão que o ascendente místico da era de Augusto se traduzia na paz e no jubilo do povo que, instintivamente, se sentia no limiar de uma transformação celestial.

Ia chegar á Terra o Sublime Emissario. Sua lição de verdade e de luz ia espalhar-se pelo mundo inteiro, como chuva de bênçãos magnificas e confortadoras. A humanidade vivia, então, o seculo da Boa Nova. Era a "festa do noivado" a que Jesus se referiu no seu ensinamento imorredouro.

*

Depois dessa festa dos corações, qual roteiro indelevel para a concordia dos homens, ficaria o Evangelho como o livro mais vivaz e mais formoso do mundo, constituindo a mensagem permanente do céu, entre as creaturas em transito pela Terra, o mapa das abençoadas altitudes espirituais, o guia do caminho, o manual do amor, da coragem e da perene alegria.

E, para que essas características se conservassem entre os homens, como expressão de sua sábia vontade, Jesus recomendou aos seus apóstolos que iniciassem o seu glorioso testamento com os hinos e os perfumes da natureza, sob a claridade maravilhosa de uma estrela a guiar reis e pastores á mangedoura rústica, onde se entoavam as primeiras notas do seu cantico de amor, e o terminassem com a luminosa visão da humanidade futura, na posse das bênçãos de redenção. E' por esse motivo que o Evangelho de Jesus, sendo o livro do amor e da alegria, começa com a descrição da gloriosa noite de Natal e termina com a profunda visão da Jerusalém libertada, entrevista por João, nas suas divinas profecias do Apocalipse.

II

JESUS E O PRECURSOR

Após a famosa apresentação de Jesus aos doutores do templo de Jerusalém, Maria recebeu a visita de Isabel e de seu filho, em sua casinha pobre de Nazaré.

Depois das saudações habituais, no desdobramento dos assuntos familiares as duas primas entraram a falar de ambas as crianças, cujo nascimento fôra antecedido por acontecimentos singulares e cercado de estranhas circumstancias. Enquanto o patriarca José atendia ás ultimas necessidades diarias de sua officina humilde, entretinham-se as duas em curiosa palestra, trocando carinhosamente as mais ternas confidencias maternas.

— O que me espanta — dizia Isabel com caricioso sorriso — é o temperamento de João, dado ás mais fundas meditações, apesar da sua pouca idade. Não raro, procuro-o inutilmente em casa, para encontra-lo, quasi sempre, entre as figueiras bravas, ou caminhando ao longo das estradas adustas, como se a pequena frente estivesse dominada por graves pensamentos.

— Essas crianças, a meu ver — respondeu-lhe Maria, intensificando o brilho suave de seus olhos — trazem para a humanidade a luz divina de um

caminho novo. Meu filho também é assim, envolvendo-me o coração numa atmosfera de incessantes cuidados. Por vezes, vou encontra-lo a sós, junto das águas, e, de outras, em conversação profunda com os viajantes que demandam a Samária ou as aldeias mais distantes, nas adjacências do lago. Quasi sempre, surpreendo-lhe a palavra caridosa que dirige às lavadeiras, aos transeuntes, aos mendigos sofrendores... Fala de sua comunhão com Deus com uma eloquência que nunca encontrei nas observações dos nossos doutores e, constantemente, ando a cismar, em relação ao seu destino.

— Apesar de todos os valores da crença — murmurou Isabel, convicta — nós, as mães, temos sempre o espirito abalado por injustificáveis receios.

Como se se deixasse empolgar por amorosos temores, Maria continuou:

— Ainda ha alguns dias, estivemos em Jerusalém, nas comemorações costumeiras, e a facilidade de argumentação com que Jesus elucidava os problemas que lhe eram apresentados pelos orientadores do templo nos deixaram a todos receiosos e perplexos. Sua ciência não pode ser deste mundo: vem de Deus, que certamente se manifesta por seus labios amigos da pureza. Notando-lhe as respostas, Eleazar chamou a José, em particular, e o advertiu de que o menino parece haver nascido para a perdição de muitos poderosos em Israel.

Com a prima a lhe escutar atentamente a palavra, Maria prosseguiu, de olhos humidos, após ligeira pausa:

— Ciente desse aviso, procurei Eleazar, afim de interceder por Jesus, junto de suas valiosas relações com as autoridades do templo. Pensei na sua infancia desprotegida e receio pelo seu futuro. Eleazar prometeu interessar-se pela sua sorte; todavia, de regresso a Nazaré, experimentei singular multiplicação dos meus temores. Conversei com José, mais detidamente, acerca do pequeno, preocupada com o seu preparo conveniente para a

vida!... Entretanto, no dia que se seguiu ás nossas intimas confabulações, Jesus se aproximou de mim, pela manhã, e me interpelou: — “Mãe, que queres tu de mim? Acaso não tenho testemunhado a minha comunhão com o Pai que está no Céu?!” Altamente surpreendida com a sua pergunta, respondi-lhe hesitante: — “Tenho cuidado por ti, meu filho! Reconheço que necessitas de um preparo melhor para a vida...” Mas, como se estivesse em pleno conhecimento do que se passava em meu intimo, ponderou ele: “Mãe, toda preparação util e generosa no mundo é preciosa; entretanto, eu já estou com Deus. Meu Pai, porém, deseja de nós toda a exemplificação que seja boa e eu escolherei, desse modo, a escola melhor”. No mesmo dia, embora soubesse das belas promessas que os doutores do templo fizeram na sua presença a seu respeito, Jesus aproximou-se de José e lhe pediu, com humildade, o admitisse em seus trabalhos. Desde então, como se nos quizesse ensinar que a melhor escola para Deus é a do lar e a do esforço proprio — concluiu a palavra materna com singeleza — ele aperfeiçoa as madeiras da oficina, empunha o martelo e a enxó, enchendo a casa de animo, com a sua doce alegria!

Isabel lhe escutava atenta a narrativa, e, depois de outras pequenas considerações materiais, ambas observaram que as primeiras sombras da noite desciam na paisagem, acinzentando o céu sem nuvens.

A carpintaria já estava fechada e José buscava a serenidade do interior domestico para o repouso.

As duas mães se entreolharam inquietas e perguntavam a si proprias para onde teriam ido as duas crianças.

*

Nazaré, com a sua paisagem, das mais belas de toda a Galiléia, é talvez o mais formoso recanto

da Palestina. Suas ruas humildes e pedregosas, suas casas pequeninas, suas lojas singulares se agrupam numa ampla concavidade em cima das montanhas, ao norte do Esdrelon. Seus horizontes são estreitos e sem interesse; contudo, os que subiam um pouco além, até onde se localizam as casinholas mais elevadas, encontram para o olhar assombrado as mais formosas perspectivas. O céu parece alongar-se, cobrindo o conjunto maravilhoso, numa dilatação infinita.

Maria e Isabel avistaram seus filhos, lado a lado, sobre uma eminência banhada pelos derra-deiros raios vespertinos. De longe, afigurou-se-lhes que os cabelos de Jesus esvoaçavam ao sopro caricioso das brisas do alto. Seu pequeno indicador mostrava a João as paisagens que se multiplicavam á distancia, como um grande general que dêsse a conhecer as minudências dos seus planos a um soldado de confiança. Ante seus olhos surgiam as montanhas da Samária, o cume de Maggedo, as eminências de Gelboé, a figura esbelta do Thabor, onde, mais tarde, ficaria inesquecível o instante da Transfiguração, o vale do rio sagrado do Cristianismo, os cumes de Safed, o golfo de Khaifa, o elevado cenário do Pereu, num soberbo conjunto de montes e vales, ao lado das águas cristalinas.

Quem poderia saber qual a conversação solitaria que se travava entre ambos? Distanciados no tempo, devemos presumir que fosse, na Terra, a primeira combinação entre o amor e a verdade, para a conquista do mundo. Sabemos, porém, que, na manhã imediata, em partindo o precursor na carinhosa companhia de sua mãe, perguntou Isabel a Jesus, com gracioso interesse: — “Não queres vir conosco?”, ao que o pequeno carpinteiro de Nazaré respondeu, profeticamente, com inflexão de profunda bondade: — “João partirá primeiro”.

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho á verdade, precedendo o trabalho divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de facto, partiu primeiro, afim de executar as operações iniciais para a grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho á Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quiz colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os simbolos imortais do Cristianismo. Salomé representa a futilidade do mundo, Herodes e sua mulher o convencionalismo politico e o interesse particular. João era a verdade e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magôa, deixando-se levar aos sacrificios extremos.

Como a dor que precede ás poderosas manifestações da luz no intimo dos corações, ela recebe o bloco de marmore bruto e lhe trabalha as asperezas para que a obra do amor surja, em sua pureza divina. João Batista foi a voz clamante do deserto. Operario da primeira hora, é ele o simbolo rude da verdade que arranca as mais fortes raizes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Expressando a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as proprias imperfeições do seu mundo interior, afim de estabelecer em si mesmo o santuario de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: — “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos.”